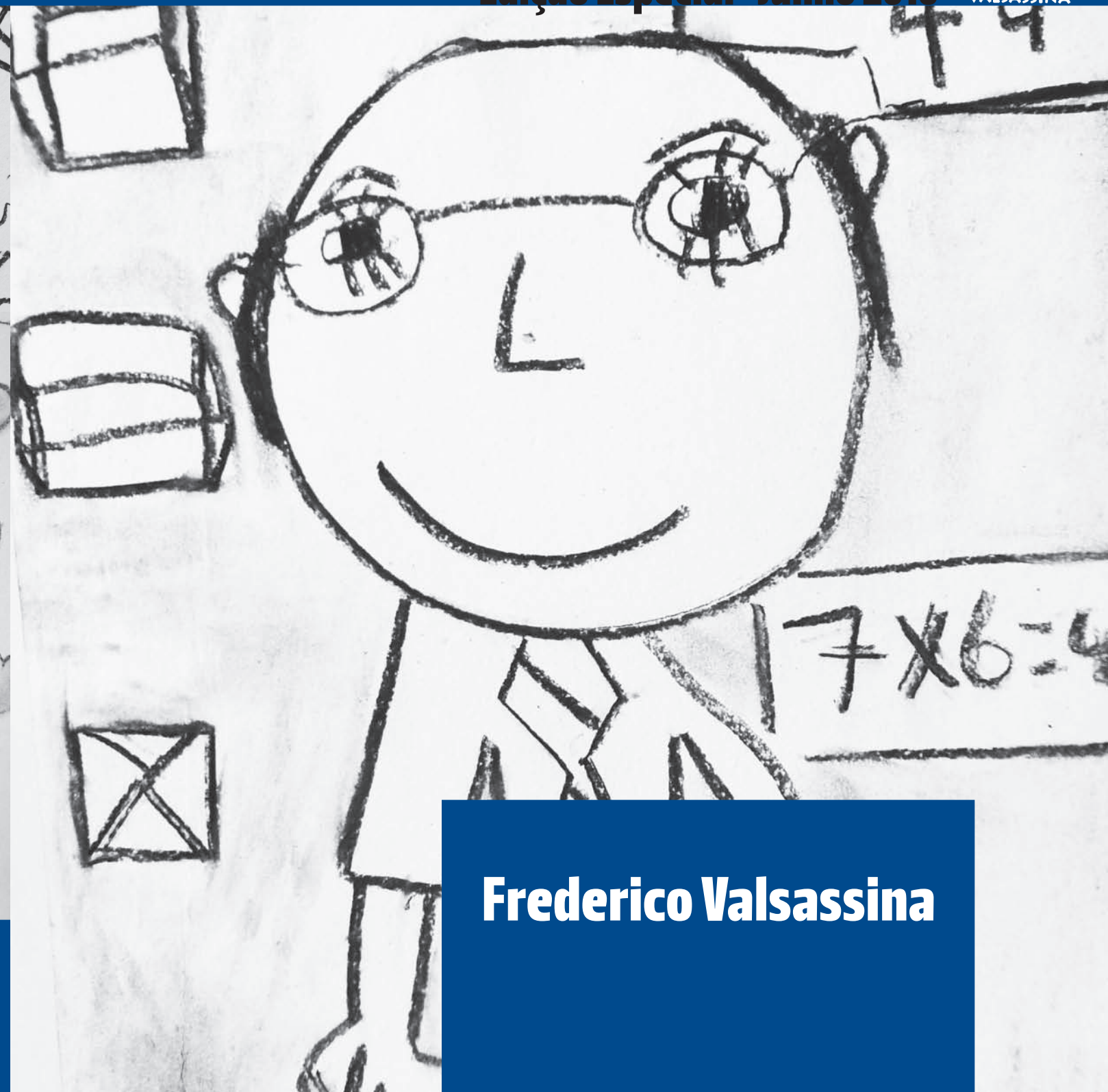
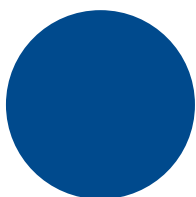


gazeta Valsassina

Edição Especial - Junho 2010

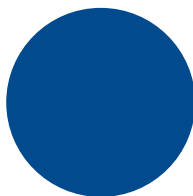


Frederico Valsassina



índice

Editorial	1
Acreditar nos sonhos	2
Breve sùmula biogràfica	3
Frederico Valsassina 1930 · 2010: A cara do ensino privado humanista	4
A història de uma amizade	6
Excerto do diàrio do Eduardo	7
Entrevista: Uma història de vida	8
Precisa de mim?	11
Deixa-nos trabalhar...	11
Quer que lhe conte uma història?	12
Entrevista ao Dr. Frederico	14
Um gelado e um sermão!	15
Letras e algarismos	16
Colégios particulares e democratização do ensino	19
Entrevista com o Dr. Frederico Valsassina	20
In memoriam CCCXX	22
Frederico Valsassina 1930 · 2010	24
7 de Maio	26
En recuerdo de honra y amistad con Federico Valsassina	27



FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Director **João Valsassina Heitor**
Director Editorial **João Gomes**
Revisão **Maria Valsassina**
Projecto Gráfico e Paginação **Sandra Afonso**
Impressão **LouresGràfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem **1700 exemplares**

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Valsassina Heitor Director

Neste número da Gazeta prestamos uma primeira e simples, mas muito justa, homenagem ao Director Pedagógico do Colégio entre 1954 e 2000, actual Presidente do Conselho de Administração e meu Pai. No próximo ano lectivo outras de elevado significado se seguirão.

Não me é fácil escrever este artigo sobre alguém que para além de ser meu Pai, foi também professor, director, mestre, formador e, por fim, colega de profissão. Tantos papéis que soube desempenhar com grande sabedoria, tendo sempre presente os mesmos valores que o orientavam tanto na sua vida pessoal como profissional. A frontalidade, a amizade, o companheirismo, a solidariedade, o respeito pela autonomia e pensamento de cada um. O que lhe permitia estar sempre presente, na família e no Colégio, com o conselho adequado, quer nos maus, quer nos bons momentos.

Recordo agora o que escreveu na introdução do livro dos 100 anos:

“Particularmente quando, com a história de uma Instituição, se conta também a história de uma família e da sua paixão pela Educação, todo esse repositório de memórias adquire um significado duplamente especial. É que, sem querermos ser pretensiosos (e perdoe-me o leitor o justificado orgulho), o Valsassina é mais do que um simples Colégio. É uma casa, na verdadeira acepção da palavra ... Na história desta casa se enleiam já quatro gerações (agora já cinco) da família Valsassina”.

De facto os mais de 40 000 alunos e seus pais, professores e funcionários, que ao longo de mais de 100 anos passaram por esta casa, tornam o Valsassina uma família única que tem conseguido e sabido perpetuar os princípios e valores dos fundadores, tal como estou em crer que cada um na sua vida familiar e profissional o faz.

Da nossa parte, cada geração tem deixado a sua marca, adaptando-se às exigências do tempo, e a do meu Pai foi grande. Agora a 4ª e 5ª gerações continuarão a trabalhar, com energia redobrada, para que o espírito VALSASSINA se perpetue na educação dos nossos alunos. A “Luz do Pai Fifas” estará sempre a piscar para nos lembrar, a TODOS, os princípios e valores que nos devem nortear. Somos e continuaremos a ser uma “grande Família de Valsassinas”.

Era de facto um homem de consensos, um bom conselheiro e alguém sempre atento aos outros. Faceta que também muito desenvolveu quando, durante vários anos, foi o presidente da Comissão negociadora do Contrato Colectivo de Trabalho entre o ensino Particular e os Sindicatos que muito apreciavam a sua capacidade negociadora e de defensor de decisões justas para ambas as partes. O mesmo aconteceu quando, em representação de vários ministros da Educação de diferentes partidos, foi conselheiro no Conselho Nacional de Educação. O seu espírito de lutador por causas nobres fica bem expresso na luta que travou pela Liberdade de Aprender e Ensinar e na defesa de um Ensino Particular Independente e Autónomo.

Termino dando a palavra ao meu pai, transcrevendo o que escreveu no Epílogo, página 416, do livro dos 100 anos:

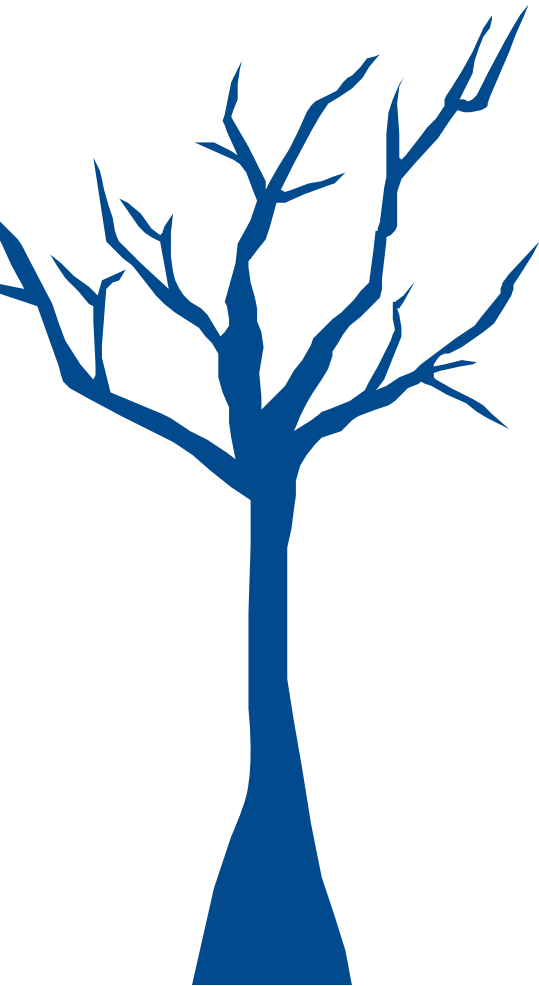
“... Esta página é apenas um número escrito num marco de uma estrada que continua e que terá, um dia, um novo livro a relatar-lhe o percurso.

Estrada feita das memórias de pessoas cujas palavras e imagens foram reunidas e impressas, e também de muitas e muitas mais, tão presentes e importantes como estas, embora aqui não mostradas. Presentes embora não escritas, como presentes estão todos aqueles que a percorreram e assim a construíram com os seus passos.

A todos eles sempre estaremos gratos por, juntamente com as suas famílias, terem sido e continuarem a ser parte integrante desta comunidade educativa de que tanto nos orgulhamos.

Esta página não é, portanto, uma despedida.

Será, antes, um ATÉ SEMPRE”. ATÉ LOGO...



Frederico Lúcio de Valsassina Heitor, 1930-2010

Breve sùmula biogràfica

Nasceu a 17 de Julho de 1930, na freguesia de Benfca em Lisboa. Filho de Maria Frederica Valsassina e Mário Heitor, vive até aos 4 anos no ambiente da então Escola Valsassina em Benfca, propriedade dos seus avós maternos, mudando-se então para o Palácio Lousã, um magnífico “hotel particulier” no nº 148 da Avenida António Augusto de Aguiar, hoje demolido, onde o “Valsassina” iria crescer durante um quarto de século (1934-1959). Realiza aí os estudos primários de uma forma inédita e totalmente livre, mas coordenada pela avó, a Professora Susana de Valsassina, com quem mantém uma relação de extrema afinidade e respeito. A Mãe, Maria Frederica, que era então professora de francês, estava sempre por perto, tendo-lhe transmitido um caloroso carinho durante toda a vida.

Desde pequeno que desenvolve ainda uma relação muito próxima com o avô materno, o Professor Frederico Valsassina, com quem aprende a perceber a realidade da Guerra Civil de Espanha enquanto tinha entre 6 e 9 anos de idade e, mais tarde, a 2ª Guerra Mundial, entre os seus 10 e 15 anos. É com ele que viria a adquirir o “gosto de aprender” e a apreender a “arte de ensinar”!

Conclui o ensino secundário em 1947, sempre na Escola Valsassina. É aí que inicia a prática do voleibol, tendo sido campeão de Lisboa de Juniores pelo CIF (1947) e distinguindo-se em vários torneios de verão na Praia das Maças, onde sempre se habituou a passar férias na casa da Colónia de Férias nas Azenhas do Mar (inaugurada em 1940), após os verões de infância até aos 9 anos passados em Sintra. A prática do voleibol de praia iria manter-se durante vários anos e ainda nas décadas de 60 e 70 montava habitualmente uma rede no areal da Praia Grande, que atraía o entusiasmo de muitos adeptos e a ambição de futuro praticantes.

Ingressa no Instituto Superior Técnico em Lisboa em 1947/48, no curso de Engenharia Química industrial, que prossegue até ao 3º ano. Frequenta o Café Versailles, na Avenida da República, onde mantém um grupo assíduo de amigos. Ingressa na equipa de voleibol da Associação de Estudantes, onde praticaria a modalidade por mais de 30 anos. Distingue-se como um rematador exímio e um colega especialmente estimado, tendo obtido vários títulos de campeão regional e nacional, para além de várias Taças de Portugal, sobretudo com a camisola número “8”. Foi seleccionado para a selecção nacional de voleibol na década de 50, tendo jogado por Portugal em Marrocos, França e na Checoslováquia.

Em 1951, com o falecimento do seu avô Frederico Valsassina, decide colaborar com os Pais no então Colégio Suzana de Valsassina, onde começa por leccionar Matemática ao nível do 1º ciclo. Transfere-se então para o Curso de Ciências Matemáticas, concluindo a licenciatura

na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra em 1954. Em 1957 termina o curso de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras, também da Universidade de Coimbra.

Casa em 1954 com Maria Manuela de Oliveira Tojal, a Marinela, estudante de pintura, que tinha entretanto conhecido na Praia das Maças e namorado desde 1951, com quem partilharia toda a vida. Construíram entretanto uma casa nos jardins da Quinta das Teresinhas, em Lisboa, para onde o Colégio se tinha transferido. Em Abril de 1955 nasce o primeiro filho, o Frederico Raul, em Setembro de 1957 nasce o João Frederico, em Setembro de 1958 o Manuel Frederico e em Outubro de 1959 a Teresa Frederica.

Em 1960 assume a Direcção do Colégio, já sob o nome de Colégio Valsassina, que desenvolve e promove, passando de uma frequência de cerca 400 alunos, para os actuais 1500 alunos. Cria e desenvolve, em colaboração com o Professor Camilo Cardoso da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, o Gabinete de Estudos Psico-Pedagógicos do Valsassina, onde desenvolve actividades de investigação no domínio da orientação escolar e vocacional. Promove um projecto educativo de base humanista, que partilha especialmente com a Marinela, que entretanto se tinha formado em educação de infância e assumido a coordenação pedagógica dos níveis de ensino primário e infantil do Colégio. Ambos desenvolvem trabalhos inovadores sobre pedagogia infantil e juvenil, com contribuições inéditas em experimentação através da educação pela arte.

Em 1981 participa no exame do sistema educativo Português pela OCDE e desde 1982 organiza e promove durante vários anos acções de formação em colaboração com o Centro de Inovação Pedagógica “Padres e Maestros” da Coruña, em Espanha.

Lecciona normalmente turmas de Matemática e dinamiza a profissionalização do corpo docente do Colégio, reforçando um projecto educativo que culminou com a atribuição ao Valsassina do regime de autonomia pedagógica em 1985 para o ensino primário e em 1990 para todos os tipos de ensino, por tempo indeterminado.

Como dirigente desportivo, representa a Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico na Associação de Voleibol de Lisboa e na Federação Portuguesa de Voleibol nas décadas de 60 e 70, tendo ainda sido seleccionador nacional universitário.

Em 1962 é eleito para representante do então Grémio Nacional dos Proprietários dos Estabelecimentos de Ensino Particular, tendo sido eleito para a sua direcção em 1964. Em 1965 integra a Comissão Organizadora do 1º Congresso do Ensino Particular, realizado em Lisboa. Em



1969 é designado Membro Titular da Sociedade Espanhola de Psicologia, no seu Congresso de Madrid. Desde 1972 que colaborou nas várias Comissões para a elaboração dos sucessivos Estatutos do Ensino Particular, tendo presidido ao 3º Congresso do Ensino Particular, em 1984.

A partir de 1977, com a morte do Pai, Mário Heitor, por quem tinha um enorme respeito, assume a gestão financeira do Colégio, sempre acompanhado pela Mãe até ao seu falecimento em 1994.

Em 1976/77 assume a presidência da direcção da Zona Lisboa-Setúbal da Associação dos Estabelecimentos de Ensino Particular, AEEP, tendo servido ainda como Presidente da Mesa do plenário geral durante os períodos 1981-85 e 1987-95. Entre 1985 e 1987 foi Vice-presidente da Direcção Nacional da AEEP. Desde 1985 participa activamente na discussão a nível nacional sobre paralelismo pedagógico e autonomia pedagógica, assim como nos estatutos de reforma dos professores do ensino particular.

Participa ainda nas sucessivas comissões negociadoras das Contratações Colectivas de Trabalho desde 1975, tendo presidido à Comissão Negociadora Patronal entre 1977 e 1990 e sido seu vogal entre 1992 e 1994.

Entretanto, como desportista assíduo, praticou vela e ténis, para além do voleibol. Ia ao rugby. Também ia às corridas de toiros em Badajoz, aonde mobilizava digressões anuais de um grupo de amigos nos anos 60 e 70.

Espanha era, aliás, uma paixão. Leu, estudou, colecionou uma vasta bibliografia sobre a Guerra Civil de Espanha e não perdia o lançamento de um livro sobre este tema.

Apoia e consulta vários Governos em matérias de educação desde 1972, tendo sido nomeado representante do Governo no Conselho Nacional de Educação em Julho de 1988, pelo então Ministro Roberto Carneiro, posição que mantém durante sucessivos Governos até Dezembro de 2002. Desenvolve, neste contexto, uma actividade de largo espectro e profundidade no âmbito de várias Comissões destacando o trabalho desenvolvido sobre o ensino básico e secundário e a Aprendizagem ao longo da vida .

Entretanto, vieram os netos, que muito gozo lhe davam. A Maria nasce em 1984, a Marta em 1986, a Rita em 1987, o Frederico e a Joana em 1990 e a Frederica em 1998.

Depois do voleibol do Técnico, era sobretudo um adepto feroz do Sporting, onde mantinha durante os últimos anos uma presença assídua com o neto Frederico, o Fu.

Em 2000 cria uma sociedade familiar para assegurar a continuidade da gestão e funcionamento do Valsassina, a

qual Preside até falecer. Ainda nesse ano, nomeia o filho João como Director Pedagógico do Colégio, com quem já trabalhava na coordenação do colégio desde o início dos anos 80.

Entretanto prepara em colaboração com um antigo colega de escola e amigo, João Lopes Raimundo, a história centenária do Valsassina, que publica em 2006 e promove com sentido de responsabilidade histórica e de testemunho para o futuro.

Em 2009, introduz a neta mais velha, a Maria, na gestão do Colégio, dando-lhe o orgulho de ver a 5ª geração da família a trabalhar num projecto educativo de base centenária, que projectou para o futuro.

Durante os últimos anos, colabora com o Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo participado na avaliação do ensino da Matemática em Portugal ao nível do ensino básico e secundário, integrando a comissão de avaliação externa dos projectos REANIMAT e EXI@MAT.

Passeou muito pelas arribas entre as Azenhas do Mar e a Praia Grande, atravessando os pinhais de Colares e do Banzão, onde mobilizava amigos de todas as gerações e origens socioculturais. Sabia conversar como mais ninguém. **Sempre com humor. E grandes gargalhadas!**



E conhecia os alunos todos, por nomes e alcunhas – muitas delas postas pelo próprio



Acreditar nos sonhos...

Frederico Valsassina. Texto escrito em 2006.

O sentimento de abertura desta página é um misto de saudade e de reconhecimento por todos aqueles que, ao longo de quatro gerações, conseguiram realizar o sonho de transformar uma pequena escola primária, situada num andar dum prédio dum antigo bairro de Lisboa, naquilo que hoje é o Colégio Valsassina.

Neste reconhecimento estão obviamente incluídos os pais dos nossos alunos que, através da confiança depositada na Escola, nos deram ânimo para prosseguir e das suas contribuições, aliás as únicas, que nos permitiram concretizar e desenvolver este projecto.

E, necessariamente, os alunos que passaram pelo Colégio e que, pela sua forma de estar na vida, conseguiram criar um espírito de “Aluno do Valsassina” que é transmitido de geração em geração.

Um desejo e simultaneamente uma certeza é que todos aqueles que dão actualmente o melhor do seu esforço e saber no trabalho diário conseguirão não só manter o nível como aumentar o prestígio do Valsassina.

Frederico Valsassina - 1930-2010

A cara do ensino privado humanista

Pedro d'Anunciação Texto publicado no Jornal Sol de 14 de Maio de 2010

FREDERICO Valsassina, proprietário e ex-director do Colégio Valsassina, em Lisboa, activo lutador pelo ensino privado desde antes do 25 de Abril, fundador da Associação dos Estabelecimentos do Ensino Particular e Cooperativo, morreu, aos 80 anos, de doença súbita.

Um ex-aluno do Colégio, que andou também no S. João de Brito, faz esta distinção: enquanto nos Jesuítas o ensino era também de qualidade e muito competitivo, quase industrial, o professor Valsassina adoptava um sistema mais humanista, como se fosse artesanal, em que cada aluno, bom ou mau, era uma preocupação concreta e constante. E conhecia os alunos todos, por nomes e alcunhas – muitas delas postas pelo próprio, «com uma imaginação prodigiosa», como frisou um neto.

Para perceber como se tornara uma figura carismática, basta ver as numerosas referências que aparecem na Internet, em blogues ou no Facebook. Ou ter visto a multidão que aconteceu à missa de sufrágio, na Basílica da Estrela, com o enorme adro da Igreja apinhado de gente. Um dos ex-alunos, num comentário publicado na Internet, calcula que ali terão ocorrido umas 6 mil pessoas.

Ele era um homem completamente dedicado ao Colégio e ao ensino. Um dos filhos, João, que lhe sucedeu na direcção do Valsassina, recorda-o a dizer que tinha 80 anos de vida escolar. De facto, para além do tempo de estudo e de ensino, ele nasceu e viveu no Colégio, junto ao qual os pais e o próprio sempre residiram – desde os anos 50, na sua actual localização, na Quinta das Terezinhas, junto ao Golfe da Belavista, e antes num Palácio da Av. António Augusto de Aguiar.

O Colégio nascera de resto em 1898, na zona da Graça-Castelo (R. de Stª Marinha), ainda como escola primária, fundada por uma avó de Frederico, a professora Susana Duarte. O marido, Frederico César Valsassina, dar-lhe-ia o nome definitivo, e desenvolvê-lo-ia, com a passagem em 1934 para o espaçoso palácio da António Augusto de Aguiar, depois de um tempo em Benfica e no Camões.

Desde sempre se cultivou ali, para além da formação escolar normal, a cultura (sobretudo a música e as artes plásticas) e o desporto.

FREDERICO Lúcio de Valsassina Heitor (este último apelido foi buscá-lo ao pai, Mário Heitor, que casou com Frederica Valsassina, filha dos fundadores, e dedicou a vida à empresa da mulher), com a alcunha de Fifas, nasceu e formou-se neste ambiente. Foi sempre enérgico e activo, cultivando gostos culturais (sobretudo a música e o cinema) e uma intensa actividade desportiva (a sua carreira de campeão de voley, pela equipa do Técnico, acentuou a importância que esta modalidade nunca deixou de ter no Colégio Valsassina), e com enorme paixão pelas matemáticas – disciplina em que acabou por se licenciar, depois de uma passagem pelo Técnico, e que leccionaria o resto da vida.

E continuava a trabalhar diariamente no Valsassina, (...), e a passear na quinta, entre a miudagem.

Assumindo a direcção do colégio muito novo, aos 24 anos, haveria de procurar transmitir os mesmos princípios a estudantes e filhos. Dos filhos, para além de João, que ficou no Colégio, contam-se ainda outros três: Frederico, um conhecido arquitecto, Manuel Heitor, secretario de Estado da Ciência e Tecnologia do actual Governo, e Teresa, professora de arquitectura no Técnico.

A OUTRA grande paixão de Frederico Valsassina era a Praia Grande, onde todos o conheciam. Já os avós tiveram casa em Sintra, e chegaram a fundar ali uma colónia de férias em 1938, que 2 anos depois passaria para as Azenhas do Mar.

Frederico tinha ali grandes amigos, como Marçal Grilo, por exemplo, ou a família Baptista da Silva. Para além das férias, gostava de alargar lá fins-de-semana de quinta a domingo. Tomava o pequeno almoço no Manel, jogou ténis enquanto pôde, e frequentava assiduamente com os amigos os restaurantes mais conhecidos da zona, como a Casa da Galé, o Búzio, o Neptuno, ou o Coelho de Almoçageme.

Na época da praia, tinha sempre o mesmo toldo, na parte de cima, ao pé das escadas. Um neto contou com graça, na missa, a este propósito: «Para, no único dia de marés vivas, poder acolher as miúdas mais giras da praia e rir-se dos da primeira fila».

Passou a vida toda com este bom humor, a pose de gentleman (como frisava um dos ex-alunos na Internet), a voz forte, e uma atenção delicada pelos outros. Era um comunicador: tanto encantava um interlocutor, como uma plateia. E dizem que era as plateias numerosas que preferia.

Nos últimos anos, com a direcção do Colégio já entregue a um filho, transformado num desportista de sofá (como lhe chamou um neto) frente à Sport TV, ainda ia ver os jogos do seu Sporting ao estádio de Alvalade, jantando depois na Ribadouro. E continuava a trabalhar diariamente no Valsassina, como presidente do Conselho de Administração, e a passear na quinta, entre a miudagem. Foi numa manhã de trabalho que, inesperadamente, a morte o apanhou.



“Talvez o Frederico Valsassina tenha sido das pessoas com quem mais aprendi na vida”

A história de uma Amizade

Maria Alda Soares Silva

Difícil tarefa esta: escrever sobre um amigo. Sobre a história de uma amizade. Mas faço-o, não só porque sinto que lho devo, mas porque numa Gazeta, que foi fundada por ambos com alguns alunos, há tantos anos, é bom que fique um exemplo da importância de cultivar a lealdade, do valor dos sentimentos.

Talvez o Frederico Valsassina tenha sido das pessoas com quem mais aprendi na vida: aluna de Liceu tirou-me dúvidas de Matemática e quase me convenceu a ser professora desta disciplina, eu que tinha decidido, desde cedo, enveredar pelas Letras. Dessa época ficaram tantas recordações do seu humor, das piadas, misturadas com exercícios do Palma Fernandes. Com as “partidas de Carnaval” imaginadas pela Marinela!

Quando, mais tarde, passei pela dor de perder os meus pais, lá esteve o Frederico a apoiar-me, a indicar-me alunos para explicações, confiando tão cedo no meu trabalho de jovem “professora”, pouco mais velha do que os meus explicandos. E, já licenciada, convidando-me a entrar no Valsassina onde o Renato, meu marido já trabalhava.

Nesse início de carreira, depois de um ano no ensino oficial (de que guardo também boas memórias), foi com ele e com a Marinela que procurei pôr-me a par dos avanços no domínio da Pedagogia e da Psicologia. Aprendi como viam o Colégio e como o queriam sempre melhorar. Aprendi a lutar por um ensino privado autónomo, exigente, com qualidade.

O Frederico ensinou-me que cada aluno é inconfundível, diferente, que tem uma história que é preciso ouvir, escutando-o, a ele e aos pais. As reuniões eram longas, sim, mas tinham as narrativas que nos ensinavam, a nós professores, a valorizar a pessoa para além dos testes, das chamadas, dos exames. Pequenas anedotas que nos faziam às vezes rir até às lágrimas mas, através delas, fixar as pequenas características de cada um.

Ensinou-me a importância de decorar rapidamente os nomes e até as alcunhas (quantos “Bigodes”, “Buços”, “Piriqitos”...brincavam com esses “apelidos”, sem ofensas, sem mágoas!). Demonstrou-me a necessidade de ser firme quando não se pode ceder face a um mau comportamento. Ensinou-me a elogiar, a reconhecer um raciocínio brilhante. A desejar que as gerações jovens sejam melhores do que as do Passado.

Era um Mestre inato, um Ser Humano generoso e inteligente. Com a simplicidade e a alegria espontânea de quem não precisa de se vangloriar de nada, marcou gerações de alunos mas também de professores, de funcionários que passaram pelo Colégio. Eu e o Renato tivemos a sorte de pertencermos a esse grupo. Ao serviço do Colégio, todos os anos do nosso casamento, entrelaçando a nossa vida na do Valsassina.

Na Dedicatória que me escreveu no Livro dos 100 anos o Frederico diz entre outras generosas palavras:

“É um consolo verificar que uma amizade construída num ambiente familiar, há 53 anos, passou para o ambiente profissional sem uma quebra, um mal entendido, ou uma questão, por mais pequena que fosse, e a palavra Lealdade esteve sempre presente na nossa relação.”

Essa mesma amizade continua presente na minha relação com a Marinela, com os seus filhos e netos. Essa mesma lealdade – sabem-no eles, sabe-o o João, melhor do que todos – mantém-me unida ao projecto em continuidade do Valsassina.



Excerto do Diário do Eduardo. 7.5.2010

Eduardo Marçal Grilo

Lisboa. Um dos maiores desgostos da minha Vida. Morreu o Frederico Valsassina.

Ficámos todos sem o Frederico. O Frederico era um pouco de todos nós. Pertencia-nos como nós lhe pertencíamos a ele.

A Família vai chorá-lo e não o vai esquecer nunca. O Pai, o Marido, o Avô, a referência, o guia, o respeito, a grande linha definidora do que se fazia e do que se devia fazer.

Generoso como conheço muito poucos, amigo, solidário, leal, mas ao mesmo tempo frontal, sem comédias, como diria o meu saudoso Pai!

De quem gostava, gostava muito e não escondia. Tinha um humor que não cabia nele, adorava contar histórias, conhecia toda a gente e toda a gente o conhecia.

Brincava com tudo, apreciava a vida, gozava a vida, fosse em Alvalade, no Colégio, no Riba D'Ouro, na Galé ou no Senhor António.

Adorava ter sempre muita gente à volta. Às vezes conseguia mesmo tolerar à sua mesa um ou outro de que não era grande apreciador.

Devo-lhe alguns grandes momentos da minha vida nos últimos 15-20 anos. Na Praia convivíamos quase todos os dias. Conversa nunca faltava, política, futebol, eram temas obrigatórios. Havia coisas com que não brincava. Era um homem de Valores e de Princípios que respeitava e cumpria.

Seguia o desporto como ninguém. Voleibol, ténis, futebol, rugby, atletismo até ciclismo ele ia acompanhando.

Exímio praticante de Voleibol e de Ténis tinha, no entanto pelo Futebol e pelo Sporting uma das suas paixões preferidas. Uma vez disse-me: "Quando o Sporting ganha e acordo de noite com a recordação da vitória, até durmo melhor".

Mas era tão amigo da família que há dias quando se percebeu que o campeonato deste ano iria ser disputado pelo Benfica e pelo Sporting de Braga me disse: "Olhe Eduardo, como o Sporting já não pode ganhar eu prefiro que ganhe o Benfica. Tenho dois filhos e uma neta que são do Benfica e eu vou ficar feliz por eles poderem ser campeões!" Nem todos são capazes de dizer isto!

Na sua Vida, o Frederico dedicou-se a uma das tarefas mais nobres a que cada um de nós pode dedicar a sua actividade profissional. Foi professor, mas para além disso foi um educador, que é muito mais do que ser professor.

Tinha um projecto que herdara da família e que partilhava com a Marinela, a sua companheira de toda a Vida.

Um projecto que assentava em valores que ele sempre cultivou e que eram prática no Colégio que dirigiu. Colégio onde conhecia todos os seus alunos da pré-primária ao 12º ano, pelo nome próprio e pelo nome da Família o que o tornava numa referência única para todos os que durante décadas passaram pelo Colégio Valsassina.

O Frederico era daquelas raras pessoas onde se cruzam múltiplos caminhos, um centro onde passam gestos, sentimentos, pessoas, factos e onde tudo é visto e revisto por uns olhos que parecem distraídos e distantes, mas que não deixam passar um só pormenor.

Com o Frederico aprendia-se, aprendia-se sempre mesmo que não estivéssemos disponíveis para isso. Era um grande observador e um crítico feroz mas amável. Nunca ofendia, nem magoava.

Se há pena que eu sinto é o de não ter tido o privilégio de conhecer o Frederico há muito mais anos. Conheci-o no Conselho Nacional de Educação no final da década de 80. Percebi logo no início das sessões do Conselho que se tratava de um Cidadão Exemplar. Cumpridor, exigente consigo próprio, franco e rigoroso nas posições que tomava, o Frederico não era como os outros. Talvez por isso, alguns anos mais tarde um Governo sem dimensão e sem cultura demitiu-o do lugar para que tinha sido nomeado em 1988 e no qual se mantinha sem interrupções até 2003. Ficou por isso mais rico por ter sido excluído por quem não tinha curriculum nem para o nomear!

Quando alguém morre há sempre quem lamente a perda de quem desaparece. A diferença entre uns e outros é que há os que são chorados por poucos e os que são chorados e lembrados por muitos. O Frederico é destes, que eu choro e que vou lembrar toda a minha vida. Direi mesmo que passará em muitos aspectos da minha Vida, a haver o antes e o depois do desaparecimento do Frederico.



Entrevista – Uma história de Vida

Marta Valsassina Março 2006

Quais são as recordações que tem da sua infância?

As primeiras recordações surgem com 2 anos quando fui viver para a Avenida António Augusto Aguiar, n.º 130, com os meus avós maternos que tinham uma pequena escola. Foi quando tive pela primeira vez o contacto com a Educação. Em 1934, 2 anos depois, mudámo-nos para o n.º 148 dessa mesma avenida, no Palacete Lousã, onde foi iniciado o Colégio Valsassina. Consequentemente tenho como costume dizer: 75 anos de vivência no Ensino Particular, desde que nasci sempre vivi numa Escola.

Portanto foi passada em casa?

No fundo sim. A minha infância foi interessante pois o meu avô Frederico pensou que, tendo o neto nascido numa escola, era necessário este receber uma educação diferente das outras crianças. Só comecei a frequentar as aulas ordinárias na terceira classe, pois nesse ano havia exame oficial a prestar numa escola pública.

Lembro-me de nos primeiros anos ter uma pasta com cadernos e pedir aos professores para assistir aleatoriamente às aulas que decorriam nesse momento. Aos 5 anos tinha caderno para todas as disciplinas, do Latim às Matemáticas. Os professores tinham bastante paciência e dando-me textos e exercícios para fazer, respectivamente, cópias ou contas. Não me recordo de ter aprendido a ler como é normal nas crianças dos nossos dias.

A minha avó materna, professora de Primária, colaborava nessa altura com o meu Avô bem como com os meus pais na Direcção da Escola. O seu final de tarde era dedicado a ensinar-me algumas regras. Entre outros, lembro-me das aulas de revisão de leitura que a minha avó me dava do Diário de Notícias e d'O Século, jornais contemporâneos.

Apesar de filho e neto único, toda a minha infância é passada no meio escolar, até as férias de Verão eram passadas na Colónia de Férias do Colégio.

Factores que marcaram a sua infância?

Um dos momentos mais marcantes já numa infância mais avançada, tinha eu já dez anos, foi o falecimento de um Professor que nos era muito querido que deixou em testamento a sua vontade de sair pelos portões do Colégio. Na altura os enterros tinham um cortejo que se chamava Catedral Rolante, com cavalos. Os alunos estavam todos ao portão a vê-lo sair. Foi uma situação que nunca esqueci.

Outra situação que me chocou bastante foi na Praia das Maças no Verão durante a Guerra em que havia uma colónia de refugiados holandeses que estavam instalados no Mindelo, hoje demolido. Um dia eles, que não conheciam o mar bastante agressivo, foram tomar banho e dois deles ainda foram salvos pelo banheiro mas um morreu. Foi a primeira vez que vi uma pessoa morta e fez-me imensa impressão, era muito novo.

Outro acontecimento que penso ser muito relevante na minha formação foi o facto de a Escola nos anos 40 ter recebido muitos jovens fugidos da Guerra, sobretudo polacos e judeus que fugiam dos nazis. É interessante sublinhar que ao fim de duas semanas de permanência no Colégio, estes alunos de oito, nove e dez anos dominavam com grande facilidade o idioma português e é interessante denotar que durante os anos do liceu estes alunos eram os melhores da disciplina de Português.



Havia diferença por serem de outras culturas/religiões?

A existência de alunos refugiados, sobretudo judeus, deu-me desde muito novo um sentimento de contestação a perseguições, sobretudo de índole religiosa.

Quanto à adolescência, que acontecimentos o marcaram?

Há uma situação que me recorde que mostra bem isso. Ainda me lembro do nome do aluno, Moses Salzeberg que era judeu e, como tal, o sábado era o dia sagrado da sua religião. Normalmente havia exames ao sábado e os alunos só em casos excepcionais podiam faltar às provas. O meu pai conseguiu pela primeira vez que um aluno judeu não fosse penalizado por faltar a uma prova.

Quanto à adolescência, uma das coisas que mais me fez confusão foi a proibição de escolas mistas. Durante o Liceu sentíamos muita falta da convivência com as raparigas, tanto eu como os meus colegas. Só nos fins-de-semana íamos normalmente para o Jardim Zoológico com as raparigas.

Por outro lado, um dos momentos em que recorde de ter muita alegria foi no Exame de Admissão ao Liceu. Penso que foi uma altura tão ou mais importante como a passagem para a Universidade. Foi muito especial também do ponto de vista desportivo, tive o meu primeiro jogo de vólei.

O meu avô era muito dedicado à música e lembro-me que houve um concerto no Colégio do qual nunca me esqueci, com a Orquestra da Emissora Nacional com o Maestro Frederico Freitas. Nunca mais houve tamanho concerto no Colégio, é muito difícil conseguir que venha uma Orquestra tão conceituada à Escola.

Os antigos exames, que eram bastante frequentes, eram situações que sempre marcaram muito. A forma como eram encarados era muito séria e rígida. Ainda hoje sonho muitas vezes que estou a fazer exames. E não se ria porque muitos amigos meus dizem que lhes acontece o mesmo. Era um ambiente aterrorizador com exames orais.

Quais foram as figuras que o marcaram mais?

Quem mais me marcou foram os meus avós Valsassina, além de viver com eles, as situações de vivências marcaram-me bastante, assim como um grupo de bons colegas que tive. Dentro dos professores não me posso esquecer do Dr. Avelino Cunhal, de quem vim a ser colega mais tarde no Colégio quando acabei o curso. Marcou-me bastante na maneira de ver o mundo e de lidar com as diversas situações que se passa na vida.

E os momentos que o marcaram mais na idade adulta?

Resumindo, foi o final do Curso e a vida militar relativamente curta que influenciaram o meu aspecto pacifista. Sem dúvida que o casamento com a sua Avó foi um acontecimento bastante importante e marcante. Casei-me dois dias a seguir a fazer 24 anos, foi um passo muito importante, tal como foi o nascimento do meu primeiro filho. Não digo que o nascimento dos meus outros filhos não tenha sido importante, mas o primeiro filho marcou-me muito.

O seu agregado familiar era composto por quem?

Pelos meus pais e os meus avós maternos.

Então teve uma educação muito familiar?

Sim, dando ênfase ao respeito pelas pessoas. Penso que foi uma educação muito virada para a forma de lidar com as pessoas, em todos os sentidos: maneira de estar, de tratar. Principalmente ouvir as pessoas. Houve sempre uma preocupação muito grande dos meus pais e avós em preservar certos valores e atitudes.

Como é que era a sua relação com os adultos?

Sempre foi muito boa, principalmente por ser diferente ser neto e filho dos Directores. Os meus colegas foram sempre fantásticos comigo. Fiz facilmente amizades, penso que foi uma virtude que adquiri na mocidade – saber ouvir, estar e perdoar.

A organização da escola era muito diferente da de hoje em dia?

O problema era o seguinte: na minha fase, o Colégio tinha 250/300 alunos, uma só turma por ano. Embora no sétimo ano havia então duas turmas – Ciências e Letras. Era uma dimensão muito pequena.

Havia menos procura?

Sim, o Colégio não tinha sequer capacidades, havia muitas limitações. E havia também muitos Colégios. Havia uma vertente pela qual se podia optar que era o Ensino Técnico.

No seu caso é muito difícil de distinguir, mas pelo que via dos seus colegas, como era a relação Família/Escola?

Era muito mais simples porque o Colégio era mais pequeno. Por ser dirigido por uma família era mais fácil. Nesse tempo os pais entregavam os filhos ao Colégio. Era pouco habitual entre as escolas, mas no Colégio havia reuniões com os pais. Era uma relação de Famílias em vez de ser uma relação de Escola/Família. Lembro-me dos meus avós terem sido padrinhos de casamento de inúmeros alunos. Os dias em que o Colégio estava em festa, eram nos anos dos meus pais. Havia uma grande relação, uma interacção entre as Famílias e o Colégio.

Qual era a relação do estatuto social dos Professores em relação aos alunos e à família?

Penso que neste caso o estatuto era muito semelhante. Muitos dos professores exerciam outra profissão. Lembro-me do meu Professor que era engenheiro nos Serviços Nacionais Geográficos.

A postura do Professor era muito diferente da de hoje em dia?

Bastante. Se reparar nem era o Professor, era o Senhor Professor. Tínhamos muito respeito pela figura do Professor, era uma ideia que já vinha de casa, da forma como devíamos tratar o respeito e a etiqueta do aluno para o Professor tanto como do Professor para o aluno. Tinha um valor especial. Não critico o à vontade que hoje em dia os alunos têm com os Professores, desde que haja limites. No meu tempo era uma relação muito respeitadora, o que não quer dizer que não houvesse brincadeira.

Quais são as diferenças mais significativas entre a Educação de hoje e a sua Educação?

Sem dúvida que é a entrada para a Faculdade. Entrar não é o problema de hoje em dia, que se tem de estudar muito e por vezes não chega e os alunos acabam por ir para cursos que não eram os pretendidos, perdendo-se por vezes talentos. Havia exames de admissão, mas eram bastante mais simples. Se calhar por não se chegar a esse exame e ser o primeiro exame, como já tínhamos feito alguns, a experiência era outra.

De que forma é que olha para o Futuro?

Nesta altura, relativamente ao número de alunos vai haver uma descida devido à baixa taxa de natalidade. Por outro lado, hoje em dia pretende-se, como no meu tempo, fazer uma certa diferenciação: antigamente os alunos podiam escolher e enveredar por uma via técnica mais cedo do que hoje. Há jovens que cedo demonstram interesse e competências por áreas mais técnicas. Esta é uma das grandes causas do abandono escolar, pois os alunos têm uma visão menos rápida de uma profissão. Defendo a possibilidade de uma via técnica mas sem ser um sistema fechado. Há alunos que só mais tarde desenvolvem as suas competências intelectuais e, se houver hipótese de um retorno aos estudos, pode haver uma evolução académica.

**A história do Colégio Valsassina:
uma conversa com alunos dos 3 aos 5 anos,
(2008 / 2009).**

Precisa de mim? **Dolores Maurício**

Tenho ótimas memórias do tempo em que convivi com o Dr. Frederico. Orgulho-me de integrar o seu grupo de colaboradores e de ter trabalhado pessoalmente com ele. Diariamente, aprendia e crescia, enquanto pessoa e enquanto profissional.

Trabalhar com ele foi sempre fácil e agradável. Tinha a virtude de nos pôr à vontade, nos fazer sentir em casa e nos sentirmos da família. Compreensivo com os nossos erros e as nossas falhas, conseguia retirar de nós o melhor que tínhamos para dar.

Mimava-nos, gostava de agradar. Trazia-nos bolinhos para o lanche, gelados no verão ou encontrava uma promoção de material de escritório e abastecia-nos de agrafadores, post-it, esferográficas...

Gestos simples, próprios de quem é generoso, mas que contribuía para que a nossa dedicação fosse maior, talvez uma forma de lhe mostrarmos o quanto era grande a amizade que sentíamos por ele.

Lembrar o Dr. Frederico é lembrar de gargalhadas sonoras e uma permanente boa disposição, é lembrar histórias contadas com humor, é lembrar o afecto, o carinho com que tratava os nossos filhos, o interesse que demonstrava com o futuro deles, mesmo quando já não frequentavam o Colégio.

Recordo, com saudade, os fins de tarde quando se deslocava do seu gabinete, propositadamente, para se despedir de nós. Recordo, com saudade, quando passava na Secretaria e perguntava, com o seu “vozeirão”:

“Dolores, precisa de mim?”

“Sim, Senhor Doutor, preciso. Precisaremos Sempre!!!”

Deixa-nos trabalhar... **Maria Paula Lourenço**

Era em finais de Julho, num ambiente descontraído, sentados na mesa de jardim junto à piscina da sua casa da Praia das Maças que trabalhávamos nas alterações salariais do ano lectivo seguinte.

Só interrompíamos, por uma história ou uma situação engraçada, que o Dr. Frederico contava, pelo chegada de um neto que vinha dar um mergulho na piscina, ou por um prato de pastéis de nata oferecidos pela Sr^a D. Marinela. que ficava, não muito tempo a conversar connosco, pois o Dr. Frederico dizia-lhe carinhosamente “Ó querida, agora deixa-nos trabalhar”.

Gostava sempre de ouvir a minha opinião em assuntos relacionados com o pessoal. Certa vez em que pensou que eu tinha uma opinião diferente da dele, deixou-me, sobre os documentos que tínhamos estado a trabalhar, o seguinte escrito:

“Quando o coração fala

Não convém que a razão

Levante objecções.”

Milan Kundera

Um beijinho amigo do Frederico

Aprendi muito, tanto a nível pessoal como profissional, e quero agradecer-lhe e dizer-lhe a grande honra que foi trabalhar com o Director, o Professor, o Amigo, o Dr. Frederico Valsassina Heitor.



Quando lhe apresentam um problema parece que encontra sempre uma boa solução. É assim?

Entre as características que todos lhe reconhecemos estão a disponibilidade e o grande sentido de humor. Há sempre uma história para contar?

“O humor é uma excelente qualidade de um educador em oposição ao sarcasmo que considero um perigoso defeito.”

Quer que lhe conte uma história?

Entrevista publicada na Gazeta Valsassina Dezembro 1998

Frederico Valsassina Heitor dispensa qualquer apresentação. Todos conhecem os seus passos pequenos, as suas gargalhadas, a sua inconfundível presença, a sua disponibilidade e espírito curioso. Diz-nos que gosta mesmo do que faz e certamente será isso que imprime ritmo e sabedoria aos seus dias. Fomos ouvi-lo sabendo de antemão que é uma referência para todos nós: como pessoa, como professor dotado de rara intuição, como director multiplicando-se nas mais diversas funções.

Bem gostaria que assim acontecesse.

Nesta minha actividade não passa nenhum dia sem que me apresente um problema para solucionar. Uns fáceis, de resolução imediata, mas outros, por vezes bem complicados.

Procuro sempre ser breve na sua resolução e não complicar as coisas! Por vezes um problema simples, sem qualquer importância pode agravar-se se o demorarmos a resolver.

Contudo, há por outro lado, situações que exigem algum tempo e é necessário dormir sobre elas. Nada pior para a resolução desses problemas que uma solução imediatista.

Creio honestamente, que a melhor qualidade de uma pessoa na minha posição é o interesse posto na resolução do problema.

O humor é uma excelente qualidade de um educador em oposição ao sarcasmo que considero um perigoso defeito. O humor educa e satisfaz enquanto o sarcasmo amesquinha e revolta.

Não me considero um humorista, mas não desminto que aprecio uma piada ou uma graça, assim como não admito uma chalaça.

Onde existe humor e respeito o ambiente é sempre agradável.

Aprendi muito do que acabo de lhe dizer com o meu avô Frederico, esse sim, um talentoso humorista. Meu avô escrevia, quando jovem, para jornais humoristas da época sob o pseudónimo de José Pira.

Assim como muitos (todos) os alunos me tratam por Fifas, ao meu avô, ainda que com menos familiaridade, recordo-me que ainda criança os “matulões” da altura o designavam muitas vezes por “Pira”. Eu não percebia o tratamento, pois na altura, mesmo que as crónicas fossem inócuas, as crianças não tinham acesso a jornais humorísticos!

Gostava que lhe contasse uma história engraçada?

A dificuldade é encontrá-la, pois são tantas que é difícil seleccionar e, por outro lado, como são verdadeiras não o faria sem a intervenção dos intervenientes.

No entanto, por os personagens já terem falecido, narrarei este episódio.

Estávamos na Páscoa de 1942!

O Colégio realizou nesse ano, sob os auspícios da “falecida M.P.”, um grande acampamento num pinhal das Azenhas do Mar, propriedade do Sr. Totta, tio do aluno da primária António Fom que viria a morrer tragicamente na guerra da Guiné. A colónia de férias do Colégio nas Azenhas do Mar servia de apoio logístico ao acampamento.

No seu contacto com os alunos, quer como professor, quer como director, é afável, próximo. Conhece-os, interessa-se por eles. Como consegue observá-los e conhecê-los tão bem?

Todos conhecemos o papel relevante que teve como Director Pedagógico durante tantos anos neste Colégio. Como foi a “mudança de rumo” para o sector da Direcção Administrativa?

Meus avós e meus pais, convidaram o inspector do ensino particular e ofereceram-lhe um jantar na colónia de férias a que assistiram os alunos representativos das diversas “barracas” (creio que as barracas, cedidas pelo exército, comportavam 12 alunos) eleitos democraticamente (como agora se diz).

No final do jantar o Sr. Inspector dirigindo-se aos alunos disse: “É a primeira vez que dou a honra a um director do Colégio de me sentar à sua mesa”.

Meu avô imediatamente se levantou, agradeceu a “honoraria” e encerrou o jantar dizendo que já era tarde e que os pequenos tinham que ir para a cama!

Pode não achar nenhum humor a esta história, nem este ser o sentido da sua pergunta. Mas, contudo, a graça está na circunstância de, passado tantos anos, ainda haja quem pense como o citado Sr. Inspector.

Costumo afirmar que tenho 68 anos de idade e outros tantos de Ensino Particular. Nasci e vivi sempre no Colégio. Mesmo durante os primeiros anos da faculdade meus avós e meus pais pediam-me opinião sobre muitas situações do Colégio ou do ensino particular em geral. Quando terminei o 1º ano comprou-se a Quinta das Teresinhas e, obviamente, abria-se uma nova época para o colégio.

Quando terminei o terceiro ano passei a dar aulas no Colégio Suzana de Valsassina, enquanto era regente de estudos no Colégio da Av. António Augusto de Aguiar e treinador da equipa de Voleibol.

Ora, entrando propriamente no âmbito da sua pergunta, penso, como aliás já tinha dito anteriormente, que a experiência é muito boa conselheira mas nesta profissão que escolhi, o principal é gostarmos dela e pensarmos que somos úteis. O que também ajuda sobremaneira é termos a noção de que os alunos nos aceitam e considerarmos que todos são diferentes e não utilizarmos receitas pré-estabelecidas.

Um centro educativo com a dimensão do nosso tem que ser gerido como uma empresa. No nosso país, contrariamente ao que se passa por exemplo em Espanha, ainda se considera depreciativo tratar um estabelecimento de ensino como uma empresa. A separação entre a direcção pedagógica e a administração é uma situação conveniente quando a administração tem sensibilidade para os problemas pedagógicos.

Enquanto meu pai viveu, sobretudo, no período de expansão do Colégio, esta separação era evidente e, para cumprir a minha missão de director pedagógico sempre contei com a ajuda da Marinela que manifestou uma rara intuição pedagógica e directiva para os assuntos relativos à primária e infantil.

Nos anos seguintes tive dificuldade em manter em simultâneo as duas direcções e, dado que tinha mais pendor para parte pedagógica, a administração ressentiu-se bastante. Agora e desde o ano passado com o João, Maria Alda, Larião e restante direcção pedagógica penso dedicar-me com maior atenção à administração. No entanto, não posso deixar de dizer que tenho imenso prazer em “fazer umas substituições” e que passei uma semana muito feliz quando dois professores de matemática estiveram presentes no PROMAT (congresso dos professores de matemática) e dei aulas a quatro turmas! Só não sei se essa felicidade foi compartilhada com os alunos!

Como equilibra o seu tempo dando espaço a uma quantidade de funções e a um mundo de pessoas que constantemente o solicitam?

Parece que é com grande entusiasmo que se dedica a uma das suas actividades mais recentes: as compras para a cantina! Como tem sido essa experiência?

“... tenho tido a felicidade de fazer com prazer aquilo que me proponho fazer!”



Gosto muito do contacto com as pessoas e procuro mesmo estabelecer diálogo com todas.

Como tenho uma maneira aberta creio que as pessoas me abordam com facilidade. Mentiria, contudo, se não lhe dissesse que quando às sete da tarde, depois de terem saído as últimas voltas das carrinhas, vou trabalhar para o meu gabinete e “ficar convencido” que já sei utilizar o meu velho computador, em absoluto silêncio, julgo ter entrado no paraíso.

Não são só as compras para a cantina que me entusiasma! Desde o papel higiénico, aos sofisticados computadores ou aparelhos para laboratórios, passando por brinquedos para o Jardim-de-Infância, cassetes para os alunos da primária verem no intervalo da TV, ou bolas, tudo passa por mim.

O aprovisionamento, numa empresa com a dimensão da nossa, é fundamental ser tratado com todo o cuidado. A distinção entre o supérfluo e o necessário não é um assunto que possa ser tratado com leviandade e necessita de muita ponderação e sensibilidade pedagógica.

Neste últimos anos tenho procurado sempre equilibrar as compras com as nossas necessidades e penso que não me tenho saído mal, dado que os pedidos de compras que me são apresentados não têm fim.

Como já disse anteriormente tenho tido a felicidade de fazer com prazer aquilo que me proponho fazer!

Entrevista ao Dr. Frederico

Patrícia Almeida Texto publicado no “O Jornal”, do Colégio Valsassina, de Março de 1986

Qual o seu sonho de Felicidade? Era um mundo fraterno onde as pessoas se amassem.

Qual a principal característica da sua personalidade? Acho que sou uma pessoa bem disposta.

Qual o seu principal defeito? É por vezes deixar para amanhã o que posso fazer hoje.

Qual a qualidade que prefere no Homem? A Amizade.

Que dom da natureza gostaria de ter? Harmonizar.

Que gostaria de ter sido? Pode parecer esquisito mas sinto-me muito bem como sou.

Quais os seus heróis no cinema ou na literatura? Jordan (do filme “Por quem os sinos dobram”).

E na realidade? Admirei muito o Dr. Schwarz (Prémio Nobel da Paz) pela sua vida e posição em lutar desinteressadamente pela diminuição da fome.

Qual o seu realizador, actor e escritor preferido?

Realizador: Frank Kappa; Actor: Dustin Hoffman (“Cowboy da meia-noite”); Escritor: Hemingway.

O que mais detesta? A hipocrisia.

Como gostaria de morrer?

Feliz, depois de ter conseguido deixar alguma coisa útil para o meu país.

Um gelado e um sermão!

Tiago Ferrito

“Quem é que aqui é bom a matemática?” Eu, eu, eu, respondemos todos.

“Então Lena dá rebuçados a estes meninos, eles estudam matemática”.

Tinha eu oito anos e estava há pouco tempo no Colégio. Lembro-me de pensar, “Que senhor simpático!”.

Pouco tempo depois, acompanhou-nos numa visita de estudo. No final pediu para fazermos uma composição sobre a visita e para lhe a entregarmos no dia seguinte, com a promessa de recebermos uma recompensa. Não liguei e não fiz a composição. No dia seguinte vejo todos os meus colegas a comerem um gelado e a dizerem “foi o Dr. Frederico que nos ofereceu”. Arrependido, nesse dia fui para casa e comecei a escrever a composição. No dia seguinte fui entregá-la ao Dr. Frederico. Recebi um gelado, mas não escapei de um sermão (e um bom sermão), pois na verdade o prazo de entrega já tinha expirado.

Anos mais tarde, quando assumi com um grupo de colegas e amigos a responsabilidade de constituir de novo a Associação de Estudantes do Colégio Valsassina (AECV), tive a oportunidade de o conhecer melhor e a bem dizer, ele a mim. Aos poucos foi acreditando no nosso projecto, fomos ganhando a sua confiança, deu-nos o seu apoio e partilhou o nosso entusiasmo.

Recordo, com emoção, dois momentos da minha relação e proximidade com o Dr. Frederico que me marcaram particularmente. O primeiro foi o dia da apresentação do livro do Colégio em que o Dr. Frederico me convidou para integrar a mesa de honra como presidente da Associação de Estudantes. Senti-me reconhecido pelo meu desempenho e pelo trabalho que o grupo estava a desenvolver, mas acima de tudo, era um grande privilégio estar a partilhar um momento marcante da vida do Colégio. Senti que, no fundo, fazia parte da família “Valsassina”.

O outro momento marcante, foi ter ouvido da sua boca o que tinha “**ven-**cido”. **Finalmente entrara uma mesa de matraquilhos no Colégio!...**

Em virtude de ser colega e amigo do seu neto Frederico, o Fu, tive a sorte e o privilégio de privar com ele no seu ambiente mais familiar. Um dia, na Praia Grande, numa esplanada junto à praia, perguntei-lhe se não achava que estava muito calor para ele estar ali. Questionou-me de imediato se eu o estava a chamar de velho. Fiquei atrapalhado sem saber o que dizer. Percebi que estava a meter-se comigo.

A última vez que estivemos juntos, foi no jogo do Sporting-Porto (e eu que até sou do Benfica!), mas o seu convite foi irrecusável... Contudo, assim que me viu, perguntou-me “Sr. Ferrito, então foi-me chumbar a uma cadeira?”...

São muitas e boas as memórias que guardo do velho amigo “Fifas”.

Marcou-me, não só como aluno, mas também como pessoa. Tinha um sentido de humor extraordinário. A sua humanidade, nobreza, gentileza, postura e modo de estar na vida são referências que quero recordar sempre. A sua presença era notável em qualquer sítio. Sinto um grande orgulho em poder dizer que partilhei com ele muitos e bons momentos.

Obrigado e até sempre, velho amigo.

Letras e Algarismos

Ruben Carvalho Texto publicado na Gazeta Valsassina, Junho 2000

Ruben Luís Tristão de Carvalho. Iniciou-se no jornalismo como repórter e redactor de “O Século” e mais tarde foi chefe de redacção da “Vida Mundial”.

Exerceu, e exerce, diferentes funções ligadas aos mais diversos campos: político – desde 1960 que é militante do Partido Comunista Português e é actualmente vereador da CML; cultural e artístico – director de programas de rádios locais, Comissário da CML para “Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura”, Director artístico do “Festival das Músicas e dos Portos”. Colabora em numerosas publicações, como é o caso do Diário de Notícias.

Em 1995 foi condecorado com o grau de comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

Deve haver uma montanha de fotografias a mostrar como era. Um palacete de recorte artístico, com um enorme salão de entrada todo apainelado em madeira, um pátio com uma larga entrada para a António Augusto de Aguiar, um ginásio por baixo do pátio. Também na cave, uma impressionante casa forte, duas portas anunciando que ali se guardavam jamais que desconhecidas preciosidades... Tenho uma vaga ideia que, afinal, era uma dispensa...

Era o Valsassina, o propriamente dito, que quem por lá andou gostava de distinguir que não andava no «Suzana», coisa construída nos então arredores de Lisboa, lá para o pé do aeroporto, com uma ladeira verdadeiramente demolidora.



**O professor de
Matemática era
o chamado gajo
porreiro,
um baril que
jogava à bola
com a malta
do pátio
(...)
Chamava-se
Frederico
Valsassina.**

Não sei muito bem quantos seríamos, mas havia o traço curioso de haver gente de todas as idades, da primária ao então 7º ano, coisa que até se justificava pelo notável aproveitamento de espaço que permitia no palacete houvesse alunos externos – mas também internos.

Mas, entretanto, não me sugeriram que fizesse a crónica do Valsassina quando por lá andei vão passados 45 anos, mas antes o que me aconteceu depois. Sucede que, já se vê, não consigo separar completamente o que me sucedeu depois com o que me sucedeu ali.

Fiz no Valsassina a então 4ª classe e o 1º e 2º anos do liceu, regressei anos depois para uma curta passagem num atribulado 7º ano.

Atribulado – porquê?!

A questão remonta na verdade, a uns anos atrás, exactamente aos primeiros do Colégio.

Fui então um aluno razoável, mas completamente dividido entre duas disciplinas habitualmente contraditórias: a matemática e o português/história (estas ao tempo dadas conjuntamente no 1º e 2º anos liceais).

Não sei se é inteiramente correcto, mas parece que habitualmente quem gosta de números não se afeiçoa particularmente às letras e vice-versa, ao que havia ainda a acrescentar que os respectivos professores eram tão diferentes quanto as matérias.

O professor de Matemática era o chamado gajo porreiro, um baril que jogava à bola com a malta do pátio, contava anedotas nas aulas, no fundo até fazia pouca diferença de idade. Andava no Técnico a tirar já não sei muito bem o quê, uma engenharia qualquer, mas era mais conhecido pelas suas proezas enquanto membro da equipa de voleibol do Instituto, que era ao tempo coisa séria. Chamava-se *Frederico Valsassina*.

Fora pelos talentos pedagógicos, fora por alguma apetência própria, a verdade é que cheguei ao exame do 2º ano com assinalável à vontade com os algarismos e respectivas operações.

Mas as melhores classificações ia eu buscá-las a outras aulas onde pontificava um professor inteiramente diverso.

Enquanto o «Professor Frederico» anunciava *critérios novos nas andanças da pedagogia*, o professor de Português personificava a própria imagem do austero e severo mestre escola do antigamente.

Como então sucedia com alguma frequência no ensino das línguas, fizera os seus estudos num seminário e penso que iniciara mesmo vida eclesiástica, que viria a trocar pelo ensino. Não sei muito bem que idade tinha então, para os nossos 10, 11 anos era razoavelmente idoso, possivelmente seria ao tempo mais novo do que eu sou hoje... Mas o Dr. Eduardo de Beja Artiaga, de seu nome completo, tinha um traço que o tornava único no Colégio e lhe granjeara uma tão inevitável quanto adequada fama: o «capachinho»...

Na verdade nesses tempos em que ainda não havia «implantações capilares» e outras técnicas mais sofisticadas, o Dr. Artiaga usava uma tão penteada quanto indesmentivelmente falsa cabeleira, a qual apresentava ainda um completamente inverosímil tom alourado, de todo inadequado à idade e contornos anafados do portador...

O «capachinho» era uma sumidade em termos de língua portuguesa, um professor exigente e severo, somítico nas classificações, e, para falar verdade, não muito estimado pela generalidade dos alunos...

“... Dr. Frederico (...) É impossível fazer jornais sem fazer contas.”



Mas, não sei bem porquê, acho que caí nas suas boas graças e, pela minha parte, dei por mim a ter por ele particular ternura. E não sei se foi o meu gosto por livros e História que a justificaram ou se foi ela que me levou ao gosto por realidades como anacolutos pleonásticos, palavras proparoxítonas e quejandas e rebarbativas regras gramaticais... E a verdade é que trouxe das aulas do «capachinho» algumas das coisas preciosas, nomeadamente duas: uma paixão pela História que nunca me abandonou e, mais até que um gosto, uma facilidade em escrever, em lidar com vírgulas, aspas, pontos e vírgulas e demais artifícios acerca dos quais o Dr. Artiaga era de implacável meticulosidade.

E foi assim que, Dr. Frederico de um lado, «capachinho» do outro, me arranjaram um enorme sarilho quando cheguei ao 5º ano: ir para Letras ou para Ciências?

Por questões de saídas profissionais, lá optei por Ciências, mas um ano depois a realidade impôs-se. Ainda fui ao Valsassina – agora já o Suzana – ver se salvava um 7º ano de Ciências em que efectivamente bom aluno só o era a Filosofia e... Geometria Descritiva!

Entretanto, por via das Associações de Estudantes, descobri que os entusiasmos pela História e pela escrita podiam ter uma aplicação prática: jornais. Não apenas escrevê-los, mas fazê-los, ir para a tipografia, desenhar maquetas, ilustrar, escolher fotografias, definir títulos, quando não havia tipografia fazê-los a stencil, máquina de escrever, copiógrafo. Foi uma paixão à primeira vista, as Físico-Químicas e as Ciências Naturais estavam irremediavelmente perdidas...

Aos 19 anos estava sentado a uma secretária da redacção do que era então o segundo jornal diário português, «O Século». Meses mais tarde, um velho tipógrafo, o «velho Bastos», assim chamado para o distinguir do filho, o meu confrade jornalista Baptista Bastos, olhou para mim em plena oficina, apontou-me para as mãos negras da tinta e tonitrou: «Tás tramado, puto! É que a tinta da impressão tem uma característica, quando se suja as mãos nela, passa para a pele, entra no sangue e um tipo nunca mais se vê livre dos jornais e das tipografias!»

Tinha razão. Quarenta anos depois a paixão cá está, mesmo com computadores e scanners a substituir o chumbo e os tipos, os jornais enchem a minha vida, até no gosto pelo cheiro do papel e da tinta!

As vírgulas, os advérbios, os parágrafos do «capachinho» têm sido providenciais. A História também.

Mas, Dr. Frederico, não se zangue... É impossível fazer jornais sem fazer contas – e os seus algarismos e operações têm sido indispensáveis às vogais e consoantes do Dr. Artiaga.

No fundo, acho que trouxe todas as ferramentas de que precisava lá do palacete da António Augusto de Aguiar.

Colégio particulares e democratização do ensino.

Excerto de uma entrevista com o Dr. Frederico Valsassina Heitor, publicada no Diário de Notícias em 17 de Novembro de 1972.

Como se concilia a necessidade de «democratização do ensino» com a existência de colégios particulares acessíveis a apenas uma minoria?

“... somos norteados por ideais pedagógicos que vinculamos ao nosso trabalho, que mantemos e pelos quais lutamos...”

Houve alguma tentativa de revisão do Estatuto do Ensino Particular?

Uma verdadeira «democratização do ensino» implica necessariamente uma democratização das instituições. Pretender uma democratização baseada na afirmação de «mais e melhor ensino para todos os portugueses» se possa conseguir, mesmo que parcialmente, através duma contribuição efectiva de entidades particulares, sem o apoio oficial, é irrealizável. Quando oficialmente se afirmou no VI Congresso Nacional do Ensino Liceal em Aveiro de 1971 que a futura Reforma do Ensino só teria viabilidade, desde que assentasse nas estruturas já existentes do ensino particular, pressupôs-se como é óbvio, um auxílio financeiro eficiente por parte do Estado. Desta forma não me parece inconciliável a necessidade de democratização do ensino (com os conditionalismos atrás apontados) com a existência de estabelecimentos de ensino particular (e não só colégios), se a população considerar útil este tipo de ensino e legitimamente com subsídios com que as entidades oficiais tornariam o ensino particular acessível a todas as camadas da população e não a uma minoria, mesmo assim com significado numérico, como no presente. [Posso sintetizar o meu pensamento, justificativo da existência do ensino particular em três pontos:](#)

1. A Constituição Portuguesa prevê a existência de estabelecimentos de ensino particulares e o Estatuto do Ensino Particular considera-o função pública para o efeito das responsabilidades a exigir àqueles que o exercem.

2. A contribuição válida dada por este ensino na cobertura da rede escolar do país e na valorização dos cidadãos é irrefutável.

3. Se os cidadãos, por seu lado, considerarem de utilidade a continuação e o desenvolvimento do ensino particular, as subvenções do Estado serão de interesse público e possibilitarão aos pais, independentemente da lei do dinheiro, a escolha para os seus filhos do tipo de ensino que os seus ideais determinarem, dando assim completa satisfação aos princípios democráticos.

Não me parece que a existência de estabelecimentos de ensino particular possa dividir a população do país em campos antagónicos, com todas as consequências para o seu desenvolvimento e para um desejado equilíbrio social. «Um país com pluralidade de formação dos cidadãos só pode contribuir para a unidade nacional e contraria o tipo de totalitarismo que recusamos». Julgo que esta afirmação proferida pelo ministro Giscard d'Estaing na defesa do ensino particular na Assembleia Nacional Francesa, tem absoluto cabimento, neste momento, no nosso país, quando se põe em causa o ensino particular.

Desde os princípios do Colégio até à situação actual, somos norteados por ideais pedagógicos que vinculamos ao nosso trabalho, que mantemos e pelos quais lutamos. Um deles é a preocupação de permitir o acesso a alunos que, pelas suas condições económicas, não o poderiam frequentar. Toda a discriminação económica é totalmente alheia ao nosso espírito e gostaríamos que desaparecesse. Assim, temos variadas bolsas, subsídios e descontos. No último ano, as bolsas de estudo cedidas pelo Colégio foram no montante de 500727\$50, somente no ensino de aulas curriculares, não contando com subsídios de alimentação, material escolar e salas de estudo.

Desejaria, sinceramente, que fosse possível criar um ambiente de confiança recíproca que permitisse todas as trocas de ideias e de experiências praticadas nos diversos estabelecimentos, tanto particulares como oficiais. Desejaria também, que todas as formas de auxílio ao ensino particular fossem justificadas de forma a não criar situações tão confusas como no presente.



Acompanha a problemática do ensino particular há várias décadas. Deve conservar muitas memórias do antes e do depois do 25 de Abril.

Houve alguma tentativa de revisão do Estatuto do Ensino Particular?

Havia outros problemas?

Entrevista com o Dr. Frederico Valsassina

Concedida ao Jornal Expresso de 10 de Junho de 2006

O Dr. Frederico Valsassina Heitor é uma referência no ensino particular em Portugal. Com 76 anos, esteve no centro de todos os processos que visavam a dignidade do ensino particular e a sua paridade com o ensino estatal, ainda muito antes do 25 de Abril. Participou igualmente na génese da AEEP – Associação dos Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo.

Antes do 25 de Abril a única associação patronal era o Grémio dos Proprietários de Estabelecimentos de Ensino Particular. Esse grémio tinha características muito especiais, porque não era um grémio obrigatório. Na altura havia dois tipos de Grémios, os obrigatórios e os facultativos. Todos os colégios, para terem o seu alvará e leccionarem, tinham de estar no Grémio. Havia uma quotização obrigatória mas a inscrição não era obrigatória. Esta circunstância fazia com que o Ministério dissesse que o Grémio não representava todo o ensino particular. Era sempre um problema nas lutas que precisávamos de travar. Além disso, o Grémio era dos proprietários dos colégios mas só os directores podiam votar. Era caricato. Quando os proprietários eram também os directores não havia problema, mas casos havia – muitos – em que não eram os mesmos, nesse caso os proprietários pagavam mas não tinham assento no Grémio.

Em 1973 dá-se um facto muito importante: o ministro Veiga Simão nomeia uma comissão para a revisão do estatuto do ensino particular, presidida pelo professor. Oliveira Ascensão, da Faculdade de Direito de Lisboa. Esta comissão tinha uma composição de representantes do Ministério muito alargada, desde a inspecção, até às Direcções-Gerais do Ensino Primário e do Ensino Liceal, em franca maioria. Por parte do ensino particular estava o Grémio, o Sindicato Nacional dos Professores e a Igreja Católica. O representante do Ministério mais próximo de nós era o Inspector Albino Fernandes, da Inspeção-Geral do Ensino Particular. O estatuto do ensino particular, devo recordar, vinha de 1948, vigorava com muitíssimas alterações produzidas por sucessivos Despachos Ministeriais. Esta comissão trabalhou aprofundadamente num projecto de Estatuto, que só ficou pronto em finais de 73 e que nunca chegou a ser publicado.

Tivemos grandes contendas no tempo do Grémio por causa do chamado «ensino clandestino» – na realidade havia a ideia de que o ensino clandestino nunca era bem clandestino, porque todas as pessoas tinham capacidade para poder leccionar. A fronteira entre o que era uma escola legal e uma escola «não legal» era muito ténue. Havia inúmeras dificuldades para resolver o problema – na altura eu pertencia à Comissão Conciliatória que tentava resolver problemas laborais entre trabalhadores e entidades patronais. Algumas entidades patronais eram clandestinas, apesar de terem centenas de alunos. Uma das situações mais conflituosas durante os trabalhos do novo estatuto foram as cláusulas referentes a este tipo de ensino em que os representantes do EPC e a própria Inspeção não conseguiram vincar a sua posição.

Como foi a passagem do Grémio para a AEEP?

Em 1974 o Grémio estava bastante debilitado devido à sua fraca representatividade. Já estavam a ser formadas alguns movimentos ligados à Igreja, especialmente aos colégios diocesanos, liderados pelo Padre Ventura e pelo Padre Luciano Guerra. Naquela altura o Grémio e o sindicato tinham tido um processo negocial muito complicado. Os sindicatos tinham como assessores os doutores Sousa Franco e Sérvulo Correia, ambos ainda muito jovens. O Grémio não conseguiu arranjar mais do que um juiz bastante idoso. Sentia-se um grande movimento das escolas contra a posição do Grémio. Eu achava que, apesar de tudo, o Grémio não se devia ser abandonado, que não podia ser transformado de fora para dentro, pelo contrário, se uma pessoa trabalhasse dentro do Grémio teria mais hipóteses de o transformar. O Grémio teve o seu ponto alto no 1.º congresso do ensino particular. O Inspector-Geral era o Dr. Almeida Carneiro, um homem notável para o ensino particular, colaborou muito com os colégios e que deu um grande incremento ao ensino particular.

Houve também um congresso do ensino liceal...

Sim, foi em 1972, o chamado Congresso de Aveiro do Ensino Liceal, que movimentou muita gente e que provocou um grande fervor – até mesmo sindicalista – no Ministério da Educação, deu muita força ao ensino estatal, o ensino particular ficou numa situação de inferioridade. Desse congresso saiu uma comissão Ad-hoc do ensino privado, de que faziam parte os padres Belchior e Melícias, as Directoras das Doroteias e do Sagrado Coração de Maria e eu próprio, além de fortes movimentações dos colégios diocesanos. A experiência ganha foi bastante importante quando da fundação da AEEP.

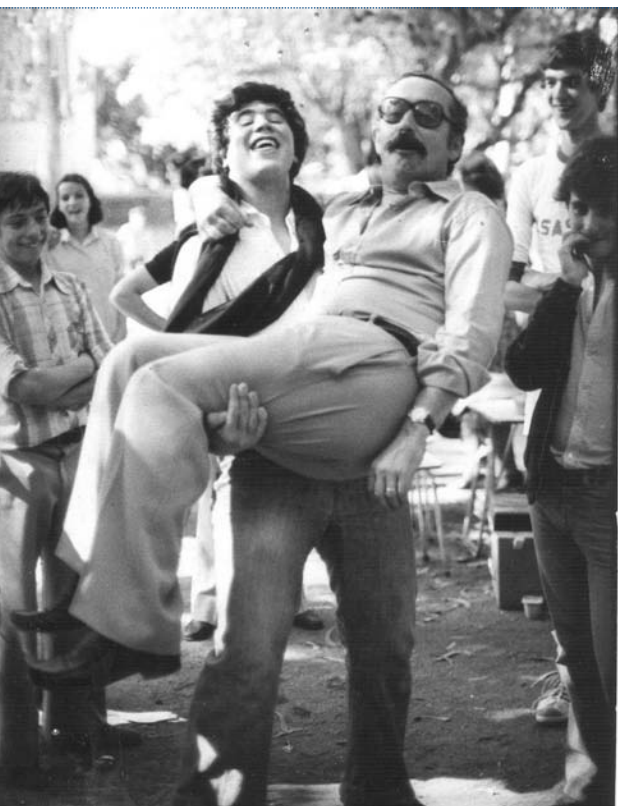
Como coexistiram o Grémio e a Associação?

Quando se dá o 25 de Abril o Grémio praticamente deixou de existir, passando a haver uma rápida adesão à AEEP. O Grémio não aderiu à Associação pelo que se perdeu toda a documentação. Logo a seguir a Associação aparece com muita força. As pessoas que tomaram conta dela estavam muito interessadas em trabalhar. A seguir ao 25 de Abril houve muitos movimentos, uns para extinguir o ensino particular, outros para o defender.

Mas a relação com o Ministério foi sempre difícil?

O nosso interlocutor no Ministério era a Inspeção-Geral do Ensino Particular, o inspector-geral tinha de ser professor catedrático, segundo ouvia dizer aos meus avós. Depois passou a ser a Inspeção Superior, só voltando a Inspeção Geral já nos anos 70. Nas diversas remodelações do Ministério, a Associação fez pressão para haver uma estrutura adequada para dar respostas ao Ensino Particular e Cooperativo. Passámos a ter como interlocutor o Conselho Coordenador do Ensino Particular e Cooperativo, que substituíu o Conselho Consultivo do Ensino Particular, que depois passou a Conselho Coordenador, e que agora vai ser extinto e cujas competências vão ser integradas no Conselho Nacional de Educação. Desde então, temos vindo descendo, de degrau em degrau. Reportando-nos ao post 25 de Abril, creio, sinceramente, que a Lei 9/79 e o Estatuto do EPC, o Decreto-Lei 553/80, colocaram a AEEP numa plataforma superior quanto à importância que lhe era conferida pelas instâncias superiores. A AEEP era profusamente consultada sobre o seu papel no desenvolvimento do País e sobre a nova legislação referente ao EPC. É de referir o protocolo estabelecido entre o Ministro Marçal Grilo e a AEEP. Hoje há os coordenadores do ensino particular nas Direcções Regionais de Educação. Na administração olham-nos como uma pequena parte do ensino oficial. Consideram que a autonomia pedagógica dos colégios é fazer como o Estado faz. Acho que regredimos imenso.

Frederico Valsassina 1930-2010



In memoriam CCCXX

José Cutileiro Artigo publicado no Jornal Expresso em 22 de Maio de 2010

O presidente do conselho de administração do colégio levava a sério a herança que lhe coubera, mas tal nunca o tornou solene nem lhe fez perder simplicidade e sentido de humor.

Frederico Lúcio de Valsassina Heitor, “Fifas” como era conhecido por amigos, colegas e discípulos, que morreu de doença súbita no seu gabinete de trabalho na sexta-feira dia 7 e cujo corpo esteve em câmara ardente na Basílica da Estrela e foi cremado no cemitério dos Olivais, era presidente do conselho de administração do Colégio Valsassina, instituição lisboeta de ensino privado que hoje, instalada na Quinta das Teresinhas a caminho do aeroporto da Portela, vai desde o Jardim de Infância até à preparação de acesso ao ensino superior, passando pelos ciclos, mas começara como uma pequena escola primária na parte antiga da cidade, fundada em 1898 pela Professora Susana Duarte, avó do Fifas, que casou em 1907 com o Professor Frederico Valsassina tendo ambos estendido a sua pedagogia ao curso dos liceus, aumentando progressivamente as instalações, havendo a certa altura a Escola (como então se chamava), antes de fixada de vez na Quinta das Teresinhas, ocupado entre 1934 e 1959, o Palácio Lousã na António Augusto de Aguiar, magnífico “hôtel particulier” do século XIX, hoje demolido, onde ensinamentos infantil, primário e liceal eram ministrados, continuando a família a manter intervenção directa no empreendimento: em 1941 os pais de Fifas passaram a colaborar na direcção da Escola, décadas depois passaram o testemunho ao filho que por sua vez a filho seu o veio a passar. Até hoje, através de quatro gerações, tem havido sempre pelo menos um Valsassina a dirigir o Colégio, todos eles sem pretensão nem formalidade e imbuídos de um espírito de missão. Fifas levava o mais a sério possível a herança que lhe coubera mas tal nunca o tornou solene nem lhe fez perder simplicidade e sentido de humor.

Essa continuidade familiar, natural e assumida, foi importante para manter exigência pedagógica e visão a longo prazo do mister de educador. Quando a D. Susana (a professora Susana Duarte, depois de se reformar, continuara uma figura tutelar da Escola) havia aberto a sua pequena escola na Rua de Santa Marinha em 1898, o chefe de estado português era o Rei D. Carlos e o presidente do conselho de ministros dessa monarquia constitucional, José Luciano de Castro. Quando 112 anos depois o seu único neto Frederico morre, tinham passado três golpes de Estado que haviam a 5 de Outubro de 1910 extinto a monarquia e proclamado a república; a 28 de Maio de 1926 substituído esta pelo que viria a ser o Estado Novo; a 25 de Abril de 1974 derrubado o Estado Novo e implantado a democracia com que nos governamos. Se as mudanças políticas foram consideráveis – embora os portugueses tenham continuado a ser os mesmos... – as mudanças da teoria e prática da educação foram maiores ainda e iam sendo sabiamente plasmadas no Colégio. Por dentro, na substância do ensino – nos programas e métodos oferecidos aos alunos. Por fora na luta constante de um estabelecimento de ensino particular consciencioso contra, por um lado, concorrência irresponsável e desprestigante que chegou a ser preciso denunciar e, por outro, contra um estado nem sempre receptivo e evitado de preconceitos.

**“Era eu feliz
então?
Não sei.
Fui-o outrora
agora”**

“Na administração olham-nos como uma pequena parte do ensino oficial. Consideram que a autonomia pedagógica dos colégios é fazer como o Estado faz” contou Frederico ao Expresso em 2006.

Escola e depois Colégio, Valsassina está há mais de meio século no topo de tabelas de excelência de ensino. Grande instituição, criou um “esprit de corps”. Quando lá andei o Fifas estava uns anos à minha frente; fui ao enterro do avô, que venerava: Frederico César Ramos Montecembra de Valsassina (Turn e Taxi) rezava a participação. Os manos Fezas Vital, filhos do Lugar-Tenente de D. Duarte Nuno, quase todos mais velhos do que eu, espalhavam-se por vários anos do liceu. O Dr. Avelino Cunhal, pai de Álvaro, advogado e pintor, ensinou-me história e foi o melhor professor que tive na vida. Citando Fernando Pessoa: “Era eu feliz então? Não sei. Fui-o outrora agora”.

Testemunhos

Recolhidos no Facebook

...Uma cena recorrente ao longo do ano lectivo. O Dr. Frederico entrava na sala, nós todos sentados. E ele dizia na sua voz de trovão:

– Não têm vergonha?! O Director do Colégio entra na sala e vocês não se levantam?! Vou sair e quando voltar a entrar quero todos de pé!

E ele saía, nós levantávamo-nos rapidamente. Quando entrava, olhava para nós a rir e dizia:

– Estão de pé porquê?! Estão a cumprir alguma promessa? Sentem-se! Foi de facto um grande professor! E eu detestava matemática!

Filipa Freitas

Lembro-me de um dia de aulas em que faltou um professor...estávamos nós à espera que alguém desse a muito conhecida aula de substituição... quando o grande FIFAS nos abordou no Pátio e disse que ele mesmo daria a aula...lembro-me de já estar na sala e ele dar um valente puxão de orelhas a uns amigos que se atrasaram... Até eles ficaram contentes e fartaram-se de rir!

A matemática do Fifas fica com todos nós...

Ana Sereno

O grande pilar do ensino particular em Portugal, escutado por Ministros da Educação.

Frederico Valsassina (1930 – 2010)

Dulce Neto Texto publicado na Edição de 9 de Maio da revista Sábado Neto

Impossível esquecer este homem.

São muitas as gerações de alunos que o recordam. Não como o nome que fez as mais delicadas negociações sindicais num momento difícil para as escolas privadas, a revolução do 25 de Abril. Nem como o grande pilar do ensino particular em Portugal, escutado por Ministros da Educação.

É fácil pensar nele como o director de um dos colégios mais conceituados do país, a quem deu projecção nacional, o Valsassina. Mas são outras as memórias que muitos guardam da figura alta, com um “vozeirão” que impunha silêncio e mãos grandes.

Laura, de 12 anos, contou à mãe como o viu no recreio na semana passada, a distribuir rebuçados aos miúdos. Ele, Frederico Valsassina, já tinha quase 80 anos, já não era director (passara o cargo e, 1997 a um dos quatro filhos, João). Agora sentava-se na presidência do conselho de administração mas continuava a ser o Fifas, alcunha de criança que se perpetuou. Mantinha o hábito de passear pela escola e falar com todos como fez até morrer, subitamente, na sexta-feira, dia 7 (Maio), com uma embolia pulmonar.

Já não jogava voleibol (na equipa do Instituto Superior Técnico, foi campeão nacional e esteve na selecção), nem mergulhava no Inverno na Praia Grande (Sintra). E deixara o ténis e a vela, diz à Sábado o Filho João. Porém, ainda fazia, com os amigos, longas caminhadas na praia das Maças, recorda o ex-ministro da Educação Marçal Grilo. O filho e o amigo dizem dele o mesmo: “Um conselheiro, um pai para toda a gente, leal, frontal, de bom senso, com um humor extraordinário, muito conhecedor e de uma generosidade extraordinária”. Marçal Grilo, emocionado, resume-o: **“Um sábio que gostava da vida” fez “da escola uma Casa da Educação”.**

Frederico Valsassina Heitor nasceu a 17 de Julho de 1930, numa família de educadores, em Lisboa. Os avós criaram em 1898 o embrião do que viria a ser o Colégio Valsassina e os pais, ela professora e ele um quadro superior da Shell, herdaram o projecto. Fifas estudou na escola familiar e fez disparates como assaltos nocturnos à cozinha, revela Eduardo Ribeiro Ferreira, aluno em 1941. Quando o avô morreu, Frederico abandonou o Instituto Superior Técnico, onde estudava, e ingressou no curso de Matemática, especializando-se na área pedagógica, para ajudar os pais.

Soube o que foi acolher refugiados, de judeus a noruegueses, durante a II Guerra Mundial, alguns sem dinheiro. E aos 25 anos começou a deixar a sua marca no Colégio: “A sua grande humanidade”, frisa João Valsassina.

Joana Miranda, de 29 anos, recorda a memória bem-disposta do director. “Sabia os nossos nomes e alcunhas (o Colégio tem 1300 alunos), as nossas notas. Era muito brincalhão”. Um professor sempre disponível, “superacessível”. Dez anos mais velha, Rita Duarte refere o “homem imponente” que era “adorado” e “respeitado”. “Ele entrava na sala e levantávamo-nos”.



“Ensinou-nos que cada aluno era uma criança diferente”

José Magalhães, de 81 anos, adversário do voleibol e colaborador no Colégio, diz que tinha “o dom de lidar com os miúdos”. Jogava à bola com eles, chamava-os ao gabinete para lhes explicar as equações, ouvia-os nas suas angústias mas repreendia-os quando necessário.

Depois oferecia-lhes um gelado ou um pastel de nata, adianta Maria Alda, que trabalha no Colégio desde 1950. João lembra como o pai nem precisava de impor disciplina. “Quando sentíamos o cheiro do charuto (andava sempre com um na boca) ou lhe ouvíamos a voz grave, dizíamos: o Fifas anda por aqui, temos de ir com calma”. Muitos, na rede social Facebook, sobretudo os que estiveram no internato (acabou no fim dos anos 70), chamam-lhe pai. “Levava-os para casa no Natal, no Ano Novo”, diz Maria Alda. “Ensinou-nos que cada aluno era uma criança diferente”, conclui.

Um dos netos sabia como o avô era diferente. Despediu-se dele, no funeral, “com saudações leoninas”.



7 de Maio

Luis Valadas

Testemunhos

Recolhidos no Facebook

**NÃO QUERO
NINGUÉM A FUMAR!!!!!!**
(Era assim que entrava no pátio...)

Pedro Silva

Eu que nunca fumei ... pensava
sempre “Eu não vou fumar nunca”.

Lina Santos

Nem mais....e de seguida a quem
se atrevesse a esconder o cigarro
lá estava o “eterno calduço....”.

Maria Bela Dias

Grandes memórias do Fifas...muitos
puxões de orelhas levei dele!...
os castigos...9h00 de sábado, ir
ver jogos de Rugby ao EU...
ahahahah!!!
tudo por ser apanhada a fumar!!!

Titinha Parreira do Amaral

Lembra-me as manhãs sombrias, frias e chuvosas nas quais cruzava o portão do Colégio, dizendo bom dia ao Sr. Aníbal. Podia estar mau tempo, mas numa casa bem construída, nunca chove. E a nossa casa era sólida, bem construída, com alicerces inabaláveis assentes em responsabilização, respeito, verdade, honestidade e partilha.

Nunca chovia para nós, mesmo que o céu descarregasse torrentes dela. De cabelos molhados e calças encharcadas, jogávamos futebol, reboávamos pela montanha, cheios de lama, cheios de alegria de mais um dia passado, de mais um dia vivido, de mais um dia em que tínhamos crescido, voando para a próxima etapa da nossa vida.

No Colégio tudo era bom. O cheiro da quinta, os pequenos pavilhões da infantil, a simpatia da D. Ausenda, as Meninas do refeitório, o Sr. Luís da carrinha, o Sr. Adão, a Menina Hermínia, a Lailai, o Prof. Lino, a Dra. Maria Alda e o Verol.

O pavilhão do Liceu, as salas de trabalhos manuais, a sala de música e os ginásios. O grande e o pequeno. No Colégio, tudo era bom.

O Dia na Escola, as futeboladas no ringue, a descida desenfreada em velocidade estonteante, ainda com os pêros golden na mão para sermos os primeiros a chegar ao campo de futebol para a hora de almoço. Tudo era bom, tudo alimentava a nossa fantasia de seres completos num reino só nosso.

Quem não se lembra do pavilhão cheio a gritar Valsassina? – Das vitórias épicas sobre o S. João de Brito? – Dos torneios inter-turmas e dos corta-matos? – Do orgulho que tínhamos em representar o colégio nos jogos da Liga Internacional do Desporto Escolar. No Colégio, tudo era bom....

E uma voz comandava isto tudo. Uma voz orientava os nossos comportamentos. Uma voz nos corrigia, uma vós nos exigia mas uma voz nos protegia. No Colégio tudo era bom, porque no Colégio tudo era feito com alma, com entrega e com paixão. No Colégio tudo era bom porque tudo resultava da visão de um Homem ímpar no carácter, com uma capacidade pedagógica sublime e com uma presença abrangente.

Hoje chove, está um dia triste e sombrio. Pela rimeira vez sinto que chove na nossa casa. Há uma cascata de lágrimas que nasce no íntimo de cada um, percorre um caminho comum e se deixa derramar sobre a Quinta das Teresinhas.

Hoje é um dia sombrio e muto triste. Morreu o Dr. Frederico Valsassina. Os seus ensinamentos, são uma garantia de vida, uma marca de carácter para todos nós. O seu legado, deve ser perpetuado por todos os actuais e ex-alunos, ensinando os seus princípios.

Vocês não tem aula, pá? – Não Dr. Frederico, hoje eu não tenho aula. Infelizmente.

En recuerdo de honra y amistad con Federico Valsassina. Quédate con nosotros

Jesús Garrido Sacerdote jesuita. Santiago de Compostela.

Invitado por su familia, he tenido la honra de decir la Misa de funeral en Lisboa, Basílica da Estrela, en recuerdo del gran maestro y amigo Federico Valsassina. Y, naturalmente, tuve que decir unas palabras en la homilía, cuya síntesis me piden ahora para publicar en la Revista del Colegio.

– Cuenta el Evangelio que, un día después de su Resurrección, Jesús se aparece en el camino a dos discípulos suyos que se iban al pueblo de Emaús, huyendo Jerusalén, desilusionados por la muerte de su maestro. Jesús camina con ellos, les explica por qué sucedió todo aquello y, al final, los dos discípulos le invitan a su casa, cenan juntos y, cuando Jesús hace señal de marchar, le suplican con toda su fuerza: “Quédate con nosotros, Señor, porque es ya tarde y la noche se nos viene encima”.

– Es el grito y deseo ardiente de todos los que estamos aquí en esta Basílica da Estrela: “Quédate con nosotros, maestro, esposo, padre, abuelo, amigo... que, si tú te vas, la noche se nos viene encima”.

* Los grandes contrastes de la muerte

Razón / sentimiento. Ninguna muerte nos parece razonable. Y sobre todo, ésta, en la que alguien se nos va, casi sin avisar, inesperadamente. Es la hora del sentimiento que, a decir del poeta, es algo así como la fiebre del alma, que nunca miente, e indica que algo fuerte está pasando. “Dijo la razón al corazón: Tú mientes. Responde el corazón: Quien mientes eres tú, razón, que dices lo que no sientes”. El dolor, la fiebre del alma, la lucha entre la razón y el sentimiento.

* **Ausencia / presencia.** Ya no está, se fue, dice la gente. Pero la presencia de quien se fue nunca es tan fuerte como en un funeral de cuerpo presente. Nunca tantos amigos se juntan, y nunca la familia entera se reúne con tanta fuerza de abrazos, cuerpo a cuerpo, presencia entera. La casa, el colegio se llena de su ausencia por todas partes, pero nunca nadie ni nada busca tanto y en todo la presencia de quien se fue.

* **Muerte / vida.** Es cierto que el corazón se detiene con la muerte; pero nunca tantos latidos, incluso acelerados, surgen dentro de cada uno de los que se quedan. No es sólo cuestión de genética; pero ¿quién puede afirmar que él no sigue vivo entre nosotros? Sus gestos, sus palabras, su modo de ser, su ilusión por vivir, su obra, su colegio, su familia entera, nos recuerda su imagen viva y activamos cuanto somos y tenemos para que ese aliento no se pierda y forme ya parte de nuestra vida.





Un fuerte abrazo, maestro y amigo. “Quédate con nosotros”

* **Sonido / silencio.** Su voz, sus pasos, el ruido de sus llaves, el abrir de la puerta, su risa, quizá su grito, su queja, su alabanza, su ánimo, tal vez se hayan quebrado para siempre. Pero, seguramente, nunca su nombre se haya pronunciado tantas veces con tanto cariño, con tanta dulzura, por tanta gente, en tan breve espacio de tiempo, ni sus palabras hayan tenido tanto eco en los que le recuerdan.

* **Adios / hasta luego.** Ningún nieto, por ejemplo, nadie en la familia o en el colegio le dirá “buenas noches, abuelo, amigo, señor, o simplemente Federico: hasta mañana” porque todo el mundo sabe que él no responderá con los “buenos días” de siempre. Y esto es duro, muy duro, quizá lo más duro de todo. Por eso, en mi condición de sacerdote cristiano, lo único que alienta mi esperanza es que, en vez de un adios para siempre, prefiero el hasta luego. Nos veremos. Esa es nuestra fe.

* **Atrás / delante.** Cuando alguien se muere, parece que se va quedando atrás. Y, en cierto modo, así es. Lo atestiguan las esquelas del periódico y las fechas en las lápidas del cementerio. Pero hay otro modo de ver las cosas, y lo dice Jesús en su última cena con los apóstoles: “Creéis en Dios, creed también en mí. En la casa de mi Padre hay muchas mansiones, y yo voy a prepararos un lugar. Y volveré, y os tomaré conmigo, para que, donde esté yo, estéis también vosotros. Y adonde yo voy ya sabéis el camino. Yo soy el Camino, la Verdad y la Vida”. Los que se mueren no se quedan atrás, van delante.

* **Tinieblas / luz.** Cuando una persona muere, alguien, con todo cariño y cuidado le cierra los ojos. ¿Tinieblas? No. La fe cristiana proclama de un modo excelso en las partituras musicales de un Mozart, de un Verdi, o en el dulce y melodioso canto gregoriano: “Requiem aeternam dona eis, Domine, et lux perpetua luceat eis/Dales, Señor, el descanso eterno y que una luz eterna les ilumine”. Tinieblas y luz, contraste final.

Un fuerte abrazo, maestro y amigo. “Quédate con nosotros”



Testemunhos

Recolhidos no Facebook

Cadernos de matemática: Adquiridos na secretaria, fiscalizados periodicamente e o segundo e terceiros cadernos sempre agrafados ao primeiro. Autênticas bíblias. **Pedro Silva**

Durante 10 anos...

– Escrevam, Primeira regra da Matemática – Podemos adicionar ou subtrair o mesmo valor a ambos os lados duma equação que esta não se altera.

Vezes sem conta, a 1ª, a 2ª e a 3ª, enquanto passeava entre as carteiras a ditar.

Era uma pessoas espectacular e para mim foram os melhores anos. **Pedro Caramujo**

Grande Homem, enorme director, pai e amigo...

um homem com um vozeirão que estremecia qualquer um, que se ouvia por todo o Valsassina e que toda a gente adorava. **Miguel Bailote**

Curioso... depois de ver um dos vídeos que foi colocado por aqui (facebook), onde o Prof. Frederico aparecia, e passados quase 25 anos da minha entrada no colégio (só lá estive 3 fantásticos anos), apenas estranhei não o ver de bigode...de resto, a pujança, o humor, a energia, a eloquência, a presença, a bondade, a firmeza de sempre. **Pedro Gonçalo Antão**

O Dr. Frederico, tal como o Bom Pastor, conhecia cada um de nós pelo nome. Era disciplinador e ao mesmo tempo divertido, impunha respeito mas era sempre disponível, era exigente mas ao mesmo tempo amigo...

Diogo Palha

O ffas é e será uma referência para mim como ser humano e pedagogo. Uma vez cheguei ao pé dele e fiz-lhe queixa que me tinham tirado uma bola de ténis. Ele não foi de meias medidas, levou-me à sua casa e ofereceu-me uma da sua colecção. **Manuel Barros**

Da antiga aluna e actual funcionária do Colégio, muito obrigada pelos caramelos, cromos e por todo o carinho destes anos todos. **Marta Macara**



A Câmara Municipal de Lisboa, em reunião do executivo, realizada no dia 12 de Maio de 2010, aprovou por unanimidade um voto de pesar pelo falecimento do Dr. Frederico Valsassina e propôs à Comissão de Toponímia a atribuição do seu nome a uma rua da Cidade de Lisboa.

